

Inocente paixão

MÁRIO SIMÕES

FICHA TÉCNICA

Edição: (Chancela Sítio do Livro)

Título: Inocente Paixão

Autor: Mário Simões

Capa: Mário Simões

Paginação: Paulo Silva Resende

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, 2010

Impressão e Acabamento: Agapex

ISBN: 978-989-20-1951-2

Depósito Legal: 308480/10

© Mário Simões

Publicação e Comercialização

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2 — 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

O amor nunca começa e raramente acaba!

Quase sempre falamos de amor como se ele fizesse parte do nosso corpo físico ou espiritual. Não creio que o amor exista em nós. Não há nenhum órgão do corpo humano onde ele se aloje, não há no misterioso labirinto da nossa mente um lugar onde se esconda o amor, onde esteja sempre alerta e pronto a explodir através das emoções.

No entanto, não conseguimos viver sem amor. Não concebemos a nossa vida sem amor, não nos entendemos como seres humanos sem amor. Aliás, é o amor o único factor que consegue unir todas as forças mentais e físicas para conseguirmos conquistar o inatingível.

Se o amor não existe no nosso corpo físico ou espiritual, porque razão acabamos por ser escravos dele? Porque razão a nossa vida é feita em função dele? Porque razão nem sequer colocamos em dúvida a sua existência?

Quantos poemas de amor foram escritos, quantos milhões de palavras foram escritos sobre o amor que é sempre igual e sempre tão diferente.

Se o amor não existe em nós, onde está ele então? Onde o vamos buscar? Para que serve?

O amor não existe. O que existe são histórias de amor! O que existe, é uma necessidade de cada um de nós se encontrar nas emoções, o que existe é uma procura constante da aventura, da fuga à monotonia, da busca da razão da vida.

Pois é, o amor é a razão suprema da vida. Porque a vida, a

Mário Simões

nossa vida, tem de ter uma história. Sem ele, ela não existe, sem ele acabam-se as emoções, acaba-se o sonho, a imaginação, o pensamento e por fim a vida.

São as histórias de amor que nos mantêm o gosto pela vida, a vontade de viver. Por isso o amor não existe nem no corpo físico nem espiritual, senão ia envelhecendo com o passar dos anos, ia definhando como todos os nossos órgãos, ia ficando cansado como todos os nossos sentidos.

O amor existe na nossa vontade de viver, na nossa capacidade de imaginação, na nossa necessidade de congregar as nossas emoções num mesmo objectivo. A força do amor está em nós, sem estar dentro de nós.

Ele cerca-nos, vigia-nos, orienta-nos, protege-nos, qual anjo da guarda que não vemos e contudo sentimos que está lá. O amor não faz parte de nós, mas é ele que nos mantém vivos. Se o amor fosse tangível, há muito que tinha desaparecido e com ele a humanidade. O amor é eterno, surge sempre com a mesma intensidade seja qual for a idade, sempre com a mesma capacidade de orientar os cinco sentidos num só objectivo.

O amor nunca começa e raramente acaba. O amor existe antes se abrir o dique das emoções, e continua depois das comportas se fecharem. As histórias de amor vão e vêm, sucedem-se a um ritmo ora alucinante ora com uma lentidão desesperante.

O amor é como a vida, uma sucessão de momentos que todos juntos dão uma história.

O amor são somente histórias de amor, histórias de amor e

Inocente paixão

amores, histórias simples e complicadas, alegres e dramáticas, mas sempre com final feliz, porque a cada história sempre se sucede outra.

Mário Simões

Três Amigos

Era uma vez um banco de jardim, um simples banco de jardim, feito de tiras de madeira, pintado de vermelho. Era tão baixo tão baixo, que quando nos sentávamos, batíamos com os joelhos na cara. Bem... acho que estou a exagerar, não era tanto assim, mas que o banco era baixo, lá isso era.

O que o banco tinha mesmo de bom, era a árvore que lhe ficava por trás, uma grande árvore, cheia de ramos e folhas, que escondiam de nós os pássaros e o sol, que nas tardes de Agosto queima que se farta, e nos dá aquela cor trigueira que caracteriza o homem do sul.

Ali, naquela local, naquele Verão extremamente seco, nós falávamos do futuro como se o dominássemos, tínhamos a certeza que os nossos amores seriam eternos e seriam tantos tantos, que só mais tarde percebi que tanta fartura não é uma coisa muito boa. Talvez por isso a nossa companheira de jardim, a Florbela Espanca, que nos escutava no seu canto, tenha sofrido tanto.

Ali, debaixo daquela árvore, descobrimos que tínhamos muito, mas muito amor para dar, sentíamos que era inesgotável. E que seria a um crime não o distribuir por muitas pessoas. Só não sabíamos a forma correcta de o fazer, só desconhecíamos que cada amor tem a sua duração, a sua força, a sua cor e até o seu sofrimento.

Por desconhecermos todas estas variantes é que o nosso grupo um dia deixou de existir, acabou da mesma forma que acabam todos os dias um amor. Sem se saber porquê.

O Bernardo, o mais bonito de nós os três, conheceu outras

Mário Simões

peessoas, fez outras amizades, descobriu outros valores e deixou de aparecer. Nós ficámos tristes e até sofremos. Mas, com a facilidade com que se resolvem estas coisas aceitámos como verdadeiras as nossas justificações. Foram os outros que o afastaram de nós, e consolámo-nos com a ideia de que ele estava a ir por maus caminhos.

Depois do Bernardo partir foi a vez do Lopes, ou melhor do tanguinhas. Lopes não é nome de ninguém que tenha sonhos lindos, Lopes é nome de contabilista, de pessoas que fazem tudo certinho, e porque o Lopes era tudo menos isso, mudámo-lhe o nome para tanguinhas, que lhe assentava muito melhor.

Um dia, o tanguinhas chegou junto à árvore, sentou-se no banco, pegou num pau, fez um desenho no chão e disse:

“Vou-me embora.” E foi.

Também ele descobriu novos valores, novas amizades, reparou que já não havia na sua vida lugar para o sonho. Deixou de sonhar com o futuro e ficar parado à espera de viver esses sonhos ali ao sol, sentado no banco debaixo daquela grande árvore, que escondia de nós os pássaros e o sol. Era preciso fazer-se à vida. E foi o que fez.

Fiquei eu, só, e cada vez mais carregado, com os meus e os sonhos dos outros dois. Era um fardo demasiado pesado para mim, tanto mais que já não sabia se havia razão para continuar a acreditar nos sonhos ou não.

Como passava muito tempo, demasiado tempo, debaixo daquela árvore, por vezes apareciam pessoas que me alimentavam os sonhos e então faziam-me voltar para aquele banco, cada vez mais velho e também cada vez mais baixo.